

MAI./JUN./1986 - Nº 3

Ministério

Uma Revista Para Pastores e Obreiros

Adventista



EVANGELIZAÇÃO em Novos Territórios

Que Espécie de Natureza
Humana Tomou
Jesus? — Não Caída

A Técnica
dos Seminários de
Revelações

Gerente Geral:
Carlos Magalhães Borda

Redator-Chefe:
Rubens S. Lessa

Redator:
Almir A. Fonseca

Diretor de Arte:
Rogério Sorvillo Vieira

Programador Visual:
Cláudio Sampaio de Oliveira

Capa:
Erló/Casa

Colaborador Especial:
Daniel Belvedere

Colaboradores:
João Wolff, Severino Bezerra
Pável Moura, Jefte de Carvalho
Luís Nunes

Todo artigo ou qualquer correspondência para a revista O MINISTÉRIO ADVENTISTA devem ser enviados para o seguinte endereço:
Caixa Postal 12-2600
70279 - Brasília, DF
Editado bimestralmente pela Casa Publicadora Brasileira.

ARTIGOS

3 QUE ESPÉCIE DE NATUREZA HUMANA TOMOU JESUS?
— NÃO CAÍDA

15 A TÉCNICA DOS SEMINÁRIOS DE REVELAÇÕES

Onésimo Mejiá

18 OS ANIMAIS PUROS E OS IMPUROS DE LEVÍTICOS ONZE (CONCLUSÃO)

Angel Manuel Rodrigues

21 EVANGELIZAÇÃO EM NOVOS TERRITÓRIOS

Juan Lozano

Que Espécie de Natureza Humana Tomou Jesus? — Não Caída



A teologia dos adventistas do sétimo dia apresenta dois pontos de vista alternativos quanto à natureza humana de Jesus Cristo. Cristo possuía uma natureza humana pecadora porque teve uma mãe pecadora semelhante ao restante de nós, ou teve uma natureza humana sem pecado porque, ao contrário do restante de nós, Ele tinha a Deus por Seu Pai.¹ O primeiro ponto de vista põe

em relevo Sua identidade com o homem; o segundo, centraliza-se em Sua singularidade como homem. Alguns procuram unir os dois, dizendo que Jesus possuía uma natureza física pecadora, mas Seu nascimento humano assemelhava-se ao nosso novo nascimento — o nascimento do Espírito. Dizem que Jesus começou em Belém, onde nós começamos quando nascemos de novo. Ou-

tros sugerem que o paralelo é desfeito diante da investigação. Eles crêem que Jesus possuía tanto natureza humana pecadora como sem pecado; pecadora apenas no sentido de que Ele tomou a natureza física debilitada pelo pecado, mas sem pecado no que diz respeito a jamais ter-Se tornado pecado no nascimento.

Podemos simplesmente tomar a posição que desejarmos? Tem realmente importância o ponto de vista que escolhermos? É isto apenas bizantinismo acadêmico, sem nenhum significado prático? Creio que precisamos compreender a natureza humana de Cristo, para realmente saber apreciar o que Ele suportou, como unicamente Ele pode ser nosso Salvador, como pode ser nosso exemplo, nossa completa necessidade de Sua substituição através de todo o caminho para o reino e nossa urgente necessidade de uma perspectiva centralizada em Cristo e não no homem. Essas implicações práticas se tornarão óbvias ao examinarmos a evidência bíblica.

Inicialmente, uma apreciação superficial necessária. 1. Ficaremos restritos aos dados bíblicos, partindo da premissa de que toda verdade doutrinária emana da Escritura.² 2. Iremos prender-nos à lingüística e ao significado teológico das palavras gregas *sarx*, *hamartia*, *isos*, *homoïoma*, *monogenês* e *prôtotokos*. 3. Permitindo que um texto bíblico interprete o outro, penetraremos no verdadeiro significado da humanidade de Cristo como “a semente de Abrão” (Heb. 2:16) e a “semente de Davi” (Rom. 1:3). Notaremos a harmonia entre estas passagens e as palavras gregas estudadas. 4. Teremos assim uma idéia da missão de Cristo para salvar o homem. Do princípio ao fim da investigação, documentaremos a irresistível evidência bíblica de que Jesus tomou de fato uma natureza humana sem pecado ao nascer (espiritualmente) enquanto possuía uma natureza física semelhante aos outros seres humanos de Seus dias. 5. Isto nos levará a perguntar: Então nos entende Ele realmente? Ou, ao contrário, é um Ser extraterreno que teve uma vantagem injusta sobre nós? Foi Ele realmente tentado em todas as coisas como nós o somos? Pode realmente ser um compassivo Sumo Sacerdote? Caso a discussão cristológica deva ser proveitosa e edificante, deve primeiro definir claramente os termos de maneira que seja inspirada pela Escritura ou verdadeira para esta.³

A Palavra Se Fez Carne

A Bíblia diz: “O Verbo-Se Fez Carne” (S. João 1:14, Almeida). Que significa a palavra grega para “carne”? Diz-nos ela se a natureza humana de Cristo era pecadora ou sem pecado? *Sarx* aparece 151 vezes no Novo Testamento.⁴ O *Greek-English Lexicon* de Arndt e Gingrich, dá a essa palavra oito significados: (1) o material que cobre um corpo (I Cor. 15:39); (2) o próprio corpo como substância (cap. 6:16); (3) “um homem de carne e sangue” (S. João 1:14); (4) “a natureza humana ou mortal, a descendência terrestre” (Rom. 4:1); (5) “corporalidade, limitação física, a vida aqui na Terra (Col. 1:24); (6) “o lado interior ou externo da vida” (II Cor. 11:18); (7) “o instrumento de desejo do pecado” (Rom. 7:18); (8) a fonte da sensualidade (S. João 1:13). Somente um destes (o de número 7) tem o que ver com o pecado. Por isso, *sarx* não significa necessariamente “pecaminoso”.⁵

No grego, a palavra comum para “pecado” é *hamartia*⁶ e não *sarx*. O dicionário teológico de Schweitzer declara que *sarx* pode designar uma esfera terrestre (ver I Cor. 1:27), não necessariamente “pecaminosa e hostil a Deus, mas simplesmente... limitada e temporária”.⁷ Diz também que *sarx* pode significar um objeto de fé (ver Rom. 2:28). Aqui “o que é pecaminoso não é a *sarx*, mas a confiança nela”.⁸ Schweitzer conclui, dizendo: “Onde *sarx* é entendida num sentido inteiramente teológico, como em Gál. 5:24, denota o ser do homem que é determinado, não por sua substância física, mas por sua relação com Deus”.⁹

O tornar-Se Deus carne significa meramente que Ele recebeu um corpo humano? Referindo-Se a Sua encarnação, disse Jesus: “Sacrifício e oferta não quiseste, mas corpo Me preparaste”. (Heb. 10:5, Almeida revista e corrigida). Em conexão com isto, Paulo escreve: “Aquele que apareceu em um corpo” (I Tim. 3:16, N. I. V.). A palavra grega para “corpo” é *sôma*, todavia a palavra “corpo” (N. I. V.) em I Tim. 3:16 não é *sôma*, e sim, *sarx*. Significa apenas “encarnação”, não “pecaminoso”.

Como, então, entender as palavras: Deus enviou Seu “Filho em semelhança da carne do pecado (e) pelo pecado condenou o pecado na carne” (Rom. 8:3)? Em primeiro lugar, consideremos o que Paulo poderia

ter dito. Ele podia ter escrito: 1) Deus enviou o Seu Filho em carne pecaminosa ou 2) na semelhança de carne. A primeira expressão significaria que Sua carne era pecaminosa, e a segunda diria que Ele apenas parecia estar na carne, mas na verdade era algum ser extraterreno (cf. I S. João 4:1-3, um texto interpretado incorretamente por alguns).¹⁰

Paulo não diz nenhuma das duas coisas. Ele se concentra sobre Cristo como tendo vindo na semelhança da carne pecaminosa. A palavra-chave é "semelhança". Duas palavras gregas são traduzidas por "semelhante" em português: *isos*, que significa "mesmo", como acontece em Atos 11:17, onde se diz que "Deus lhes deu o mesmo (*isos*) dom", e *homoióma*, usada em Rom. 8:3, significando "semelhante" (porque humana), mas não "mesma" (porque não pecaminosa). As Escrituras são coerentes nesse ponto. Assim Filip. 2:7 diz, falando de

Jesus, que Ele Se tornou "semelhante (*homoióma*) aos homens".¹¹ Heb. 2:17, diz: "Ele teve que tornar-Se semelhante (*homoioō*) a Seus irmãos em todos os sentidos, a fim de que pudesse ser maravilhoso e fiel Sumo Sacerdote" (N. I. V.).

Sugerem estas palavras gregas, e estes textos, que Jesus foi apenas semelhante aos outros seres humanos quanto a ter um corpo humano físico afetado pelo pecado, mas não o mesmo que os demais seres humanos, pois somente Ele foi sem pecado em Seu relacionamento espiritual com Deus? Ellen White assim pensava.¹² A evidência bíblica considerada até este ponto permite essa conclusão.

Por que Apenas Semelhante, não a Mesma?

Desse material bíblico surgem dois princípios que nos orientam em nossa pergunta. O primeiro é: Que Jesus Cristo está determinado a ir ao máximo de Sua identidade com nossa natureza humana. Em outras palavras, Ele era mais do que o filho de Maria. Ele era Deus. Ao tornar-Se homem, Ele não deixou de ser Deus.¹³ Isso quer dizer que seu ininterrupto relacionamento com Deus não foi desfeito pelo motivo de tornar-Se humano. A Encarnação não foi bem outro nascimento humano. Foi Deus transpondo o abismo aberto pelo pecado, e bem no íntimo do Seu ser formando a ponte entre Deus e o homem. Como ocorreu no Éden, Deus operou de novo no planeta de

maneira criativa. Quer usando o pó da terra quer o ventre de Maria, a vida proveio dEle. Ambas as criações constituíam milagres jamais conhecidos antes, nem repetidos depois. A divindade absoluta desses acontecimentos não deve perder-se em comparações superficiais com outros seres humanos. Todos os outros têm dois pais humanos. Menos Adão e Cristo. O homem vem ao mundo em uma das três maneiras: criação, nascimento, ou encarnação.

O segundo princípio é: A missão de Cristo deve determinar a extensão de sua identidade com nossa humanidade. Para ser nosso Salvador, Jesus deve tornar-Se um conosco. Ele poderia não ter ido além das exigências de Sua missão, poderia não Se tornar um pecador (por natureza ou por atos). Como no sistema sacrificial, a missão de Cristo poderia ser desempenhada apenas por meio de um Cordeiro, sem mácula, defeito ou coisa semelhante.

O Pecado Original

Nessas considerações, devemos levar a sério a natureza devastadora do pecado. Toda criança é egoísta antes de saber o que constitui pecado. Como poderia ser diferente o bebê Jesus, se Ele nasceu com uma natureza pecadora?

A Bíblia apresenta duas definições de pecado, uma em questão de comportamento, a outra em sentido de relacionamento. Dessa forma, "pecado é a transgressão da lei (indisciplina)" I S. João 3:4; e "tudo o que não é de fé é pecado". Rom. 14:23. Ambas estas definições se achavam presentes no pecado original, no Éden. Adão e Eva desobedeceram à ordem de Deus não apenas por comerem do fruto da árvore proibida (Gên. 3:2-6), mas por duvidarem da palavra de Deus. Ele havia dito: "Não comereis dele... para que não morrais". Eva o achou bom para comer e desejável para dar entendimento. Dessa maneira, eles se apressaram e comeram. Por quê? *Duvidar de Deus* leva a *desobediência* a Ele. *Duvidar de alguém* significa deixar de confiar ou de ter fé nessa pessoa — é uma interrupção no relacionamento. O tentador os levou a crer nele e em seus sentidos mais do que em Deus. Além dessa interrupção de relacionamento, ele os levou a transgredirem o mandamento de Deus. O pecado original consistiu primeiro de interrupção de relacionamento. Definir *pecado* como "que-

brantamento da lei ou atos errados" é atentar apenas para sua manifestação exterior. No fundo, pecado é relacionamento interrompido entre o pecador e Deus.¹⁴

Cristo veio ao mundo para restabelecer o relacionamento, não para que continuasse a separação. Dessa forma, Ele veio semelhante a nós (como um ser humano, fisicamente falando). Emanuel, ou "Deus conosco", significa que Ele transpôs o abismo existente entre Deus e o homem, e que Ele aniquilou a inimizade por meio da vinda da parte de Deus a nós. Mas Ele estabeleceu de novo a relação apenas porque durante toda a Encarnação seu relacionamento com Deus não foi interrompido — Ele permaneceu espiritualmente sem pecado.

Rom. 5:12-14 é considerado "um dos mais difíceis trechos das Escrituras",¹⁵ mas creio que a analogia entre Adão e Cristo é a mais clara existente na Bíblia. Lenski está certo ao declarar: "Ela é tão vital porque vai ao âmago tanto do pecado como do livramento deste. Tudo o mais que se diz nas Escrituras com respeito a um deles ou a ambos, repousa sobre aquilo que está revelado como a base absoluta".¹⁷ Notai o que diz o texto: "Portanto, ... o pecado entrou no mundo por meio de um homem, e por meio dele a morte, e dessa maneira a morte veio a todos os homens, porque todos pecaram... Conseqüentemente, assim como o resultado de uma transgressão foi a condenação para todos os homens, assim também o resultado de um ato de justiça foi a justificação que traz vida a todos os homens. Pois assim como por meio da desobediência de um homem muitos foram feitos pecadores, assim também mediante a obediência de um homem muitos serão feitos justos" (Rom. 12:12-19, N. I. V.).

Notai o paralelo, repetido três vezes, entre os dois Adões. A morte, ou a condenação, não passou a cada pessoa simplesmente por causa do seu próprio pecado. Ela ocorreu, também, por esse motivo. Mas em sentido mais profundo, a morte passa a cada homem por causa do pecado de Adão, ou a quebra do relacionamento com Deus. (Que o pecado de Adão atinge a toda a raça, é mencionado cinco vezes nos versos 15-19.) Simplesmente não é verdade que o pecado não se acha presente na pessoa até o primeiro ato de pecado desta. Os homens nascem pecadores. "A morte reinou" (verso 14) desde o pecado de Adão. Os bebês morrem antes de pecar conscientemente. Sepa-

rado do Doador da vida, a morte (não a culpa), passou de Adão para a raça.¹⁸ Por isso foi que Cristo veio restabelecer a ligação, trazendo vida eterna. O paralelismo de Rom. 5:12-14 é crucial para este significado.

"Como o pecado termina em morte, assim a justiça em vida."¹⁹ Se "o único pecado de Adão é a fonte da morte para todos os homens, e assim foi, já que praticado antes que qualquer homem houvesse nascido",²⁰ então a vida sem pecado de Cristo é a fonte de toda justiça. Ele foi semelhante a nós, pois nasceu com as limitações físicas do homem, mas não o mesmo que nós, pois não nasceu pecador com um interrompido relacionamento com Deus.

O fato bíblico de que o pecado passa de Adão para cada recém-nascido (não a culpa de Adão, mas a morte, o resultado de seu pecado) significa que o pecado não pode ser definido apenas como "ato".²¹ Também é pouco significativa uma defeinição. Embora o pecado inclua escolhas erradas, e, por conseguinte, atos e mesmo pensamentos (ver S. Mat. 5:28), inclui também natureza.²² Se não nascêssemos pecadores, não necessitaríamos de um Salvador até nosso primeiro ato ou pensamento pecaminoso. Semelhante idéia presta um terrível desserviço às trágicas conseqüências do pecado e à missão de Cristo, como o único Salvador de todo ser humano (S. João 14:6, Atos 4:12). Significa também que se Jesus veio com uma natureza pecadora, mas resistiu, então talvez alguém mais faça a mesma coisa, e que a pessoa não necessite de Jesus para salvá-la. Precisamos entender que ambos os efeitos do pecado — tanto a morte do corpo com a culpa pessoal — necessitam de um Salvador. Precisamos de Jesus como substituto para toda a nossa existência, e não apenas a partir da primeira vez que nos rebelamos com conhecimento de causa.

Pecadores ao Nascermos

Todo ser humano, com exceção de Cristo, nasce pecador. Davi disse: "Com certeza tenho sido pecador desde o nascimento, pecador desde o momento em que minha mãe me concebeu" (Sal. 51:5, N. I. V.). "Pois formaste minhas partes internas, entreteceste-me no ventre de minha mãe" (Sal. 139:13, R. S. V.). São contraditórias estas declarações? Nasceu Davi em pecado ou não nasceu? Elas falam dos dois aspectos

tos de uma verdade, ambos igualmente bíblicos. Enquanto a primeira fala da condição de Davi como pecador ao nascer, a outra se refere ao amor salvador de Deus para com ele nessa situação.

Então, como interpretar o texto: "O filho não sofrerá pela iniquidade do pai, nem o pai pela iniquidade do filho" (Ezeq. 18:20, R. S. V.)? A Bíblia diz também: "Visitando a iniquidade dos pais sobre os filhos até a terceira e quarta geração daqueles que Me aborrecem" (Êxo. 20:5, R. S. V.; cf. cap. 34:7; Núm. 14:18; I Reis 21:29). São estas passagens também contraditórias? De novo, elas constituem dois aspectos da mesma verdade, ambos bíblicos. O primeiro fala dos resultados da conduta de alguém, seja na vida ou na morte; enquanto o segundo mostra que o pecado do indivíduo lhe prejudica a posteridade também. Por isso, a Bíblia afirma: "Desde o nascimento os pecadores se extraviam; desde o ventre eles erram (Sal. 58:3, N. I. V.).

"Rebelde desde o ventre" (Isa. 48:8, N. I. V.) e "cheio do Espírito Santo desde o ventre de sua mãe" (S. Luc. 1:15) novamente mostram dois aspectos, quer o da condição humana por ocasião do nascimento, quer o da misericórdia de Deus para com alguém nesse estado. Por contraste, Jesus não foi apenas cheio do Espírito Santo desde o nascimento, mas, ao contrário das outras pessoas, nasceu do Espírito Santo. Ao contrário dos demais, Ele era também Deus. Significava isto que Ele tivesse tido uma Conceção Imaculada?

A teologia católica ensina, desde Agostinho, que todos nascem com pecado original.²³ Isto é, cada pessoa vem ao mundo com a culpa do pecado de Adão, pois todos estavam seminalmente presentes em Adão, e, portanto, partilharam de sua culpa. Assim, semelhantemente, Jesus viria ao mundo com a culpa do pecado original. Para contornar esta situação, a teologia católica inventou a Imaculada Conceição. Essa doutrina postula que Maria nasceu sem a contaminação do pecado. Mas se Deus podia realizar um ato salvífico dessa espécie, em favor de um ser humano, por que não para todos? Isto teria livrado a Cristo de toda a angústia de tornar-Se humano. Além disso, se Maria se tornou imaculada sem Cristo, isto põe em dúvida a missão de Cristo.

A Bíblia não diz nada a respeito de uma Imaculada Conceição, mas fala de uma concepção miraculosa. Jesus foi o único.

Estava claro, de Sua singularidade como Deus, que Seu nascimento seria sem pecado. Nesse ponto, a teologia católica passa por alto quem era Jesus. Não é preciso encontrar em Maria a razão para a singularidade de Cristo. Essa singularidade vem de Sua própria personalidade como Deus. Agora voltemo-nos para os dados bíblicos concernentes a Sua singularidade.

Jesus Como Homem Singular

Jesus foi diferente dos outros seres humanos no centro de Suas percepções. Isso determinou tudo. Nenhum outro ser humano existiu antes do seu nascimento e tomou a decisão de nascer para agradar ao Pai. A percepção de Cristo foi sempre voltada para Deus. Ele veio fazer a vontade de Seu Pai (Heb. 10:9), glorificou-O por meio da vida e terminou a obra que Deus Lhe confiou (S. João 17:4). Nenhum outro bebê, criança ou adulto viveu em tão completa abnegação para com Deus e o homem. Tanto Seus atos sem pecado como Sua natureza espiritual inocente procediam de Sua ininterrupta orientação dirigida para Deus. Sua união com Deus determinou a extensão de Sua união com o homem.

A palavra grega *monogenês*, traduzida na Versão King James por "único gerado", na verdade significa "alguém de uma espécie". *Monogenês* vem dos monos, "um", e genos, "espécie" ou "tipo". *Monogenês* não deve ser confundida com *monogennaô*, que se deriva de monos, "um", e *gennaô*, "gerado". *Monogennaô* significa "único gerado".

Monogenês é usada nove vezes no Novo Testamento grego, cinco das quais referentes a Jesus (S. João 1:14, 18; 3:16, 18; I S. João 4:9). Seu uso nas outras quatro referências lança luz sobre o que significa a palavra, quando usada com relação a Jesus. Em primeiro lugar, o filho morto da viúva de Naim era tudo o de que ela dispunha (S. Luc. 7:12). Em segundo, Jairo pode ter tido filhos, mas foi sua única filha quem morreu (cap. 8:42). Em terceiro lugar, o endemoninhado era o único filho daquele pai, naquelas condições (cap. 9:38). Nessas três passagens *monogenês* não significa "único gerado", mas "único indivíduo de sua espécie". Esse fato é ainda mais claro no quarto exemplo — Heb. 11:17. Aqui Isaque é chamado *monogenês*, quando, na realidade, era

o segundo dos filhos de Abraão (Ismael nasceu primeiro). Todavia, ele era o único de sua espécie, no sentido de ser o único filho da promessa.

Quando usada com referência a Jesus, *monogenês* tem sempre esta conotação de único de uma espécie. Ele era o Filho da promessa — único em missão e nascimento, bem como em Sua vida. Seu nascimento especial consistiu não somente da maneira em que Ele nasceu (sem pai humano), mas da natureza com que nasceu (sem o pecado humano).

Ele era o único de uma espécie, no sentido de que foi o único a ser também Deus. Ele foi o único homem a nascer pelo Espírito Santo, sem pai humano. Foi único homem a existir eternamente como Deus antes de tornar-Se também homem, e, dessa maneira, o único a independe de pais por toda a vida. E foi o único homem a ser *semelhante* mas não *igual* aos outros seres humanos.

Sua singularidade advém da pessoa que Ele era. Quem era ela, tornou diferente Seu nascimento do de todos os outros seres humanos. Possuindo a humanidade física do Seu tempo, debilitada pelo pecado, Ele veio com um relacionamento eterno e sem pecado com Deus. Atentar para Cristo como *monogenês*, teria evitado muito do panteísmo (Kellogg, Jones, Waggoner) e do movimento da carne santa (Donnell, Conferência de Indiana).²⁴

A Bíblia requer que a singularidade de Jesus seja nosso ponto de partida para a Cristologia. Ele não é apenas outro homem, mas Deus que Se tornou homem. "A Palavra Se tornou carne" (S. João 1:14, N. I. V.). Esse movimento em direção do homem é o contexto a partir do qual se deve explicar o significado do Homem-Deus. Alguns se esquecem disso, escolhendo antes começar com a geração final e sua manifestação posterior, relativa à experiência. Argumentam que se esta geração não deseja tanto cometer atos pecaminosos, ainda que possuindo natureza pecadora, então Cristo também deve ter sido sem pecado em uma natureza pecadora. Para que a última geração proceder melhor do que Cristo? Esta é cristologia escatológica, ou interpretação remota do futuro da natureza humana de Cristo. Ela permite realidade alheia a Cristo para informar-nos a respeito de Cristo. Mas Cristo, e não a escatologia, deve ser o ponto de partida. Necessitamos de uma escatologia cristocêntrica, em lugar de uma cristologia escatológica.

Os erros teológicos de Schweitzer e Barth deveriam precaver-nos e orientar-nos nesse ponto. Tanto Schweitzer quanto Barth (em seus escritos iniciais) começaram com a escatologia e a interpretação remota na Cristologia, com resultados devastadores. O Jesus de Schweitzer terminou como um homem enganado,²⁴ e o Cristo de Barth como "outro inteiramente" Deus²⁶ — duas superênfases, nenhuma das quais faz justiça a Jesus Cristo.

O pensamento cristológico precisa começar com a singularidade de Cristo como Filho de Deus, em lugar de iniciar-se com Sua semelhança com os seres humanos, como o Filho do homem. Além disso, epistemologicamente, não podemos mudar do humano para o divino, mas podemos fazê-lo do divino para o humano. Ao determinarmos a natureza humana do homem Jesus, *monogenês* deve ser o ponto de partida e o centro da Cristologia.

A palavra *prōtotokos*, ou "primogênito", é usada sete vezes, relacionada com Jesus (ver Heb. 1:6; Rom. 8:29; Col. 1:15, 18; Apoc. 1:5). "Primogênito" refere-se não tanto a tempo, mas a importância. Como na cultura hebraica o primogênito recebia os privilégios da família, assim Jesus, o "primogênito" entre os homens, reconquistou todos os privilégios que o homem perdera por meio da Queda. Dessa maneira, o "único criado" e o "primogênito" não devem ser interpretados literalmente quando aplicados a Jesus. Em lugar disso, eles indicam que Ele era o único de uma espécie. Sua missão era tornar-Se o novo Adão, o novo primogênito, ou cabeça, da raça. Isto O qualificou para ser nosso representante, Sumo Sacerdote e intercessor no grande conflito.

Jesus é nosso exemplo na vida, mas não no nascimento. Se Ele fosse nosso exemplo no nascimento, talvez outros seres humanos pudessem conseguir uma vida perfeita e não necessitassem do Salvador. Essa idéia acha-se no âmago da teologia de Friedrich Schleiermacher. Ele cria que Jesus era apenas quantitativamente — e não qualitativamente — diferente dos outros seres humanos. Não nasceu Ele como todos os demais? Não foi a mais plena consciência da presença de Deus e Seu sentimento absoluto de dependência de Deus que O tornaram diferente dos outros? Não obstante, surgiria alguém no futuro que O superaria.²⁷ Tal pensamento nos adverte de que é perigo-

so não perceber a completa distinção bíblica entre o nascimento de Cristo e o de todos os outros seres humanos.

A teologia de Karl Barth encerra também problemas quanto à natureza do nascimento de Cristo.²⁸ Embora ele cresse que Jesus era verdadeiramente Deus, não permitia que as conclusões bíblicas disso lhe controlassem o entendimento da Encarnação. Ele afirmava que o menino Jesus nasceu com carne pecadora.²⁹ A única maneira de Barth contornar as conseqüências disso, foi dizer que Cristo assumiu essa carne pecadora em Sua natureza divina, de tal maneira que as tentações e o pecado eram uma impossibilidade.³⁰

Premissas bíblicas levam em direção oposta ao pensamento de Schleiermacher e de Barth. O homem Jesus é inigualável. Ele é nosso substituto na vida. Cobre nossos caracteres imperfeitos com Seu caráter humano perfeito. Seu caráter é nosso manto de justiça, o vestido nupcial sem o qual não podemos entrar no reino. Ele é nosso substituto na morte. Morreu em nosso lugar a fim de pagar o preço do pecado, para que tenhamos vida eterna. Mas é também nosso substituto no nascimento. Nasceu sem pecado a fim de satisfazer nossa necessidade fundamental de Ele como Salvador, ao nascermos pecadores.

A Bíblia não atribui nenhum valor salvífico ao nosso primeiro nascimento. Na verdade, ela diz claramente: "A não ser que o homem nasça de novo, não pode ver o reino de Deus" (São João 3:3, N. I. V.). Somente o homem Jesus não necessitou do novo nascimento. Isso O coloca numa classe separada.

Cristo Procedeu da Linhagem Abraâmica e de Davi

Das referências bíblicas até aqui estudadas, que podemos concluir quanto ao significado das seguintes expressões: "Ele tomou sobre Si a descendência de Abraão" (Heb. 2:16) e "nasceu da descendência de Davi segundo a carne" (Rom. 1:3; cf. S. João 7:42; II Tim. 2:8)? Declaram estas passagens que Jesus tomou uma natureza pecadora, procedente de Abraão e Davi? À luz do amplo contexto bíblico, estas passagens não estão tratando da natureza, mas da missão de Cristo. Elas não se referem à espécie de carne com a qual Ele nasceu (sem pecado ou pecadora). Em lugar disso, afirmam que, como judeu (Heb. 2:16) e como

seu verdadeiro rei (Rom. 1:3), Jesus veio como o cumprimento do concerto. Deus mandou que Abraão saísse e formasse um povo mediante o qual pudesse Ele abençoar todas as nações (Gên. 22:18). Semelhantemente, Jesus veio através de Maria para salvar as nações (S. Mat. 1:18, 21; cf. S. João 3:16). O contexto é a missão e não a natureza.

Israel, no período do Antigo Testamento, e os judeus cristãos, nos dias do Novo Testamento, consideravam Abraão como o "pai" da Igreja de Deus em sua forma inicial (ver Isa. 51:2; Rom. 4:12; e Tiago 2:21 e seus contextos). E o autor da Epístola aos Hebreus, ao escrever também sobre Jesus, diz que Ele "tomou sobre Si a descendência de Abraão" (Heb. 2:16). O fato de Jesus ser colocado no plano do concerto abraâmico não Lhe anula a execução do mesmo propósito desse plano convencial de tornar-Se o segundo Adão. Na verdade, o mesmo livro que menciona a ligação de Cristo com Davi, também O apresenta como o segundo Adão (ver Rom. 5:12-21).

Inclui a substituição o tornar-se exatamente como um de nós no nascimento? Poderia Jesus salvar-nos realmente, não Se tivesse Ele realmente tornado um de nós em natureza pecadora? Desceu Ele realmente ao abismo onde nos encontrávamos, a fim de puxar-nos para fora? Descendo ao abismo tomou Ele da carne humana verdadeira apenas na medida em que Sua união com o Pai não fosse prejudicada. Em outras palavras, Ele não poderia ser pecador por natureza, pois, por definição, semelhante natureza é resultado de separação de Deus. União com Deus e natureza espiritual pecadora estão de tal forma distantes uma da outra quanto o estão o céu e a Terra. Dizer que Ele Se identificou conosco, mas continuou fiel a Deus é compreender mal a natureza do pecado. *Pecado significa separação de Deus.* Ou Jesus manteve um relacionamento ininterrupto com o Pai ou desistiu e mergulhou em nossa alienação.

Jesus tanto foi nosso substituto como exemplo; e nessa ordem. Existe uma prioridade do substituto sobre o exemplo, da mesma forma que o há de Deus sobre o homem e do Salvador sobre o salvo. É importante notar isto. A cristologia jamais deve começar com o exemplo e esperar fazer justiça a Sua substituição. Cumpre-lhe seguir o caminho que leva da substituição para o exemplo. Necessitamos de Sua subs-

tuição ao longo de todo o trajeto: necessitamos de Sua eterna divindade, de Seu nascimento sem pecado, de Sua vida sem pecado, de Sua morte perfeita, Sua ressurreição, intercessão sumo-sacerdotal e Sua segunda vinda. Necessitamos dEle também como homem, para exemplificar a inteira dependência de Deus.

O fato de Ele ter nascido sem pecado de modo algum sugere que a transgressão da lei não é importante para o restante de nós que nascemos pecadores. *Não é verdade que crer na natureza sem pecado, de Cristo, significa que ninguém mais pode, ou mesmo deve, procurar observar a lei. Jesus não é nosso substituto para que vivamos como nos aprouver.*

Tentado Como nós

Vimos que os dados bíblicos apresentam um Jesus humano ímpar, que não poderia ter tido uma natureza pecadora. A pergunta não tarda: Entende-nos Ele realmente, então? Ou é Ele um ser distante, que teve uma vantagem injusta sobre nós? Pode Ele ser realmente um compassivo Sumo Sacerdote? Afinal, foi Ele realmente tentado em todas as coisas como nós?

Nossa cristologia influencia nossa compreensão quanto às tentações de Cristo. Ele tinha poderes que não se acham naturalmente disponíveis aos outros homens. Alguns se admiram de que a tentação não fosse considerada nenhuma prova para Cristo. Embora Anselmo (1033-1109) fosse o primeiro erudito importante a focalizar a vida de Cristo na Terra como homem (ele escreveu *Cur Deus Homo*), posteriormente outros continuaram a examinar a veracidade de Sua provação. Assim, a crença de Calvino de que Jesus continuou no trono do Céu enquanto vivia na Terra (*extra Calvinisticum*); a associação da natureza divina com a humana, de Lutero (*communicatio idiomatum*); e o envolvimento da humanidade adotada em uma divindade invencível (*ganz anderer*), de Barth, todos tornaram irrealis as tentações de Cristo e impossível que Ele pecasse. Como Barth, E. J. Waggoner cria que Jesus tomou carne pecadora, mas não podia pecar, porque era divino.³² De que serve uma natureza pecadora semelhante à nossa, se Ele possuía uma natureza divina diferente da nossa? Uma anula a outra, retirando a realidade da tentação dEle.

Em contraste, a Bíblia afirma que Ele "como nós, em tudo foi tentado, mas sem

pecado" (Heb. 4:15). "Em tudo" não quer dizer as mesmas tentações (plural), mas a mesma tentação (singular). Por exemplo, Jesus jamais foi tentado a ver TV, fumar ou ultrapassar o limite de velocidade. Mas foi tentado a interromper sua dependência de Deus. Satanás empregou meios diferentes para atingir o mesmo fim. Pois o alvo de toda tentação é interromper o relacionamento de alguém com Deus.

As tentações de Cristo eram maiores do que as nossas, pois apenas Alguém que jamais Se entregou pôde sentir sua força plena.³³ B. F. Wescott expressou isto da seguinte maneira: "A simpatia para com o pecador em provações não depende da experiência do pecado, mas da experiência da força da tentação para pecar, que apenas os sem pecado podem conhecer em toda a sua intensidade. Aquele que cai, rende-se antes do último esforço."³⁴ Mas "em tudo" inclui "da mesma maneira"?³⁵ Tiago escreve: "Cada um é tentado quando, por seu próprio desejo mau, é atraído e engodado" (Tiago 1:14, N. I. V.). Propensões más (tendências para pecar) são adquiridas de duas maneiras: mediante o pecar, e através do nascimento como pecador. Cristo não foi nem uma coisa nem a outra. Ele nasceu "essa coisa santa" (S. Luc. 1:35, N. I. V.), e Satanás não achou nEle absolutamente nenhum mal (ver S. João 14:30). "Ser tentado em tudo como nós somos" deve ser entendido à luz dos dados bíblicos já considerados. Indica que Ele, como um ser humano exemplar, foi tentado em todos os pontos como nós. De novo, a tentação envolve basicamente a tentativa de Satanás para interromper o relacionamento de alguém com Deus.

É inconcebível que Jesus fosse levado à separação de Seu Pai exatamente no ato de vir fazer Sua vontade. As duas coisas são incompatíveis. Seu nascimento incomum não deve ser motivo para se protestar: "Injustiça! Não Te tornaste realmente como um de nós, tiveste mais facilidades do que nós! Quem não resistiria às tentações se tivesse uma natureza sem pecado como tens?" Como poderia ser diferente? Qualquer suposta vantagem que Jesus teve não a teve em Seu próprio benefício. Sua missão de salvar determinou a extensão de Sua identidade conosco.

Não obstante, dizer isso estabelece um paradoxo. Permanecer diferente de nós não Lhe traz uma vantagem; na realidade, era-Lhe desvantajoso. Pois se o forte da

tentação é levar a pessoa a confiar em si mesma em lugar de confiar em Deus, quem deve ter sido mais tentado, Jesus, que podia confiar em Sua própria divindade, ou nós, que nada temos comparável?

A desvantagem de Cristo na tentação decorria de Sua singularidade. E nessa singularidade repousa nossa salvação. Apenas Jesus experimentou a força total da inimizade satânica, pois o conflito de Satanás é contra Cristo e não em prejuízo de qualquer outro ser humano. Todo o inferno se desencadeou contra esse dependente homem Jesus; e, além disso, Jesus não poderia dar perdão se Ele fosse superpoderoso. Imaginai a aflição quando cada momento, cada ato decidiu tais conseqüências para Si mesmo e o mundo inteiro!

Se Jesus devesse ser carne pecadora para entender por experiência nossas lutas, como poderia simpatizar com a escória da raça? Como poderia Ele salvar a geração que havia chegado a mais de dois mil anos de decadência em degeneração genética? Se o tomar nossa natureza pecadora Lhe era pré-requisito para ser tentado como nós, então Ele deveria ter sido contemporâneo do último homem nascido. Todavia, mesmo que Jesus fosse uma pessoa da última geração, Seus contemporâneos ainda seriam mais degradados por causa do seu próprio pecado. Se a natureza pecadora é um elemento necessário ao ser tentado como nós, então Cristo não foi tentado à semelhança de nossa geração e dos degradados mediante pecado pessoal. Se, porém, Sua singularidade tornou maior Sua tentação, conseqüentemente não necessitava Ele de nossa natureza caída para ser tentado como nós.

Não, até que Sua morte fizesse Aquele "que não conheceu pecado" tornar-Se "pecado por nós" (II Cor. 5:21). Jamais, antes daquele momento, trouxera-Lhe o pecado uma separação de Seu Pai, que O levasse a exclamar: "Deus Meu, Deus Meu, por que Me desamparaste?" (S. Mat. 27:46). O homem Jesus Se fez pecado por nós em *missão* na morte, e não em *natureza* no nascimento.

Doxologia

A Teologia é um esforço humano no sentido de entender a revelação pessoal de Deus. A Cristologia é o centro e âmago da teologia, pois Jesus Cristo é a maior revelação de Deus ao homem. Ele é também a

maior revelação do homem autêntico ao homem. Jesus Cristo foi singular não só como Deus conosco, mas como homem conosco. Ele era a divindade sem pecado, unida à carne humana enfraquecida pelo pecado, mas era igualmente sem pecado em ambas as naturezas. Era Deus conosco, mas viveu como homem à nossa semelhança, em completa abnegação (ver Filip. 2:7). Mesmo sendo Deus, abriu mão de Seus atributos divinos, vivendo como homem autêntico, inteiramente dependente de Seu Pai nos Céus.

Ó maravilhai-vos, vós habitantes dos Céus! Pasmai, vós anjos das alturas! Adorai-O, pecadores da Terra! Pois que outro ser humano, nascido de mulher, pode igualar-se a Ele em natureza e atos? Quem, senão Ele deu tanto por tão pouco? Quem mais se limitou a um corpo humano, quando existia antes em toda parte? Quem mais escolheu continuar tão limitado para sempre? Quem, senão Ele, se atirou no câncer inativo e final do pecado, para trazer cura radical e não se infectou? Quem poderia tornar-Se médico do ser humano, ao mesmo tempo que se mantinha distante dos tormentos humanos?

Como poderia Jesus ser meu exemplo em todas estas coisas? Como eu poderia imitá-Lo? Como poderia ser eterno, ser Deus, ser sem pecado por nascimento, sem pecado como uma criancinha e sem pecado por toda a vida? Como poderia eu vencer tudo o que Ele venceu? E quando, finalmente, vencer Ele a Satanás por Sua morte no Calvário — o que tem conseqüências cósmicas e salvíficas — como poderei imitá-Lo? Sim, desejo ser como Ele, mas admito que Ele será para sempre singular. Como o apóstolo Pedro, confesso: "Afasta-Te de mim, Senhor; sou um homem pecador!" (S. Luc. 5:8, N.I.V.). Todavia, em Sua misericórdia Ele diz: "Vinde a Mim" (S. Mat. 11:28). Ele me atrai por Sua singularidade. Necessito desesperadamente daquilo que O torna diferente de mim.

Cristianismo não quer dizer exatamente ser semelhante a Ele. É viver *nEle*. Somos justos apenas *em Cristo*; jamais em nós mesmos. As boas novas são mais do que "Imita-Me". Elas são sempre o primeiro e o melhor "Une-te a Mim", "Habita em Mim" (S. João 15:4), "Cristo em vós, esperança da glória" (Col. 1:27) e "Vós estais aceitos no Amado" (Efés. 1:6, N. I. V.).

A verdadeira cristologia termina, não em debate, mas em adoração aprazível e em obediência deleitosa. Contemplando-O, não só O

louvamos, mas nos tornamos semelhantes a Ele (ver II Cor. 3:18). Contemplar-Lhe o amor por nós, Seu inigualável amor como homem ímpar, eletriza-nos; ansiamos por ser mais cheios d'Ele, do que ser semelhantes a Ele. Este enfoque é crucial. Ele se encontra n'Ele e em Suas palavras, e distante de nós e de nossas obras. Nós não seguimos, apenas, mas comungamos. Ele não é bem regras, mas relacionamento. Não é bem uma prática, mas uma Pessoa. Pois o cristianismo é Cristo de um ao outro extremo. Além dessa comunhão, vem uma surpresa maravilhosa — tornamo-nos semelhantes Àquele a quem contemplamos mais e mais! É um subproduto natural do anseio de que Ele habite em nós. A cristologia atinge o seu ponto culminante na exclamação: "Vivo, não mais eu, mas Cristo vive em mim" (Gál. 2:20). Somente nessa união dependente pode Jesus ser nosso homem-modelo — nunca em Sua natureza por ocasião do nascimento.

1. Ver E. C. Webster, *Crosscurrents em Adventist Christology* (Berna, Suíça: Peter Lang Pub., Inc., 1984), para uma avaliação comparativa da Cristologia de H. E. Douglass, E. Heppenstall, E. J. Waggoner, e E. G. White. Aqueles que focalizam a natureza pecadora de Cristo incluem (alfabeticamente): T. A. Davis, *Was Jesus Really Like Us?* (Washington, D. C.: Review and Herald Pub. Assn., 1979); H. E. Douglass and Leo Van Dolson, *Jesus: The Benchmark of Humanity* (Nashville: Southern Pub. Assn., 1977). Os que defendem a natureza sem pecado, de Cristo, incluem (alfabeticamente): N. R. Gullett, *Christ Our Substitute* (Washington, D.C.: Review and Herald Pub. Assn., 1982); E. Heppenstall, *The Man Who Is God* (Washington, D. C.: Review and Herald Pub. Assn., 1977); H. K. LaRondelle, *Christ Our Salvation* (Mountain View, Calif.: Pacific Press Pub. Assn., 1980). A Cristologia clássica tem três superênfases principais: Jesus como (1) também divino, o ponto de vista principal por centena de anos, visto no extra *Calvinisticum* atanasiano-calvinista, no qual a divindade de Cristo permaneceu no trono do Céu, enquanto Sua humanidade vivia na Terra; (2) também humano, os arianos; ou (3) uma mistura divino-humana, como a *communicatio idiomatum* de Lutero. Os dois principais pontos de vista do Adventismo consideram a cristologia de todos eles como tornando a Jesus ora muito divino, ora muito humano. Isto exerce clara influência sobre a maneira como Ele é considerado nosso exemplo no vencer as tentações.

2. Para estudos feitos nas obras de E. G. White, ver Norman R. Gullett, "Behold the Man", *Adventist Review*, 30 de junho de 1983. Há uma grande necessidade de um estudo teológico hermenêutico dos escritos de E. White em geral, e de sua Cristologia em particular. Pesquisa adicional deve ser feita para ver se o endosso de Ellen White feito por Jones e a teologia de Waggoner, era sustentado principalmente por sua nova ênfase, o afastamento do homem de Cristo, e não necessariamente um endosso de cada pormenor de sua Cristologia, como a natureza humana de Jesus. (Ver Age Rendalen, "The Nature and Extent of Ellen White's Endorsement of Waggoner and Jones" [jornal de pesquisa da Biblioteca da Andrews University, 1978].) O fato de a Cristologia de Jones e Waggoner jamais ser panteística também merece ser levado em consideração. O Panteísmo é uma identificação excessiva de Deus com a Criação, que pode ser considerada a conclusão lógica de procurar tornar o homem Jesus, quanto à natureza, totalmente como os demais homens. O uso da expressão "natureza pecadora", de Ellen White, e seus sintomas, precisam ser definidos no contexto desse uso no seu tempo, bem como dentro do contexto histórico de cada manuscrito, carta, ou aparecimento do artigo. As complicações inferidas de uma multiplicidade de fontes, geralmente deixam de dar lugar adequado ao embasamento histórico. É claro que muitas dissertações doutorais podem ser úteis aqui. Um fato é certo: O estudo da Cristologia deve ser iniciado com dados bíblicos. Depois se pode ler as obras de Ellen White. Ela jamais achou que se desse fazer o contrário, nem isto é verdade para a pressuposição dos adventistas do sétimo dia de que a Bíblia é a base de todas as suas doutrinas.

3. A definição dos termos é vital nessa discussão. A partir dos dados bíblicos a serem considerados, podemos notar: 1. Cristo foi distinto como homem (semelhante, não idêntico). Por isso, defino Sua natureza humana como no máximo fisicamente afetada pelo pecado, mas completamente sem pecado do ponto de vista espiritual. Ele foi o ponto culminante de um homem do Seu tempo; Ele sentiu cansaço, teve fome e sofreu dor. Espiritualmente, porém, manteve uma comunhão ininterrupta com Deus como a manteve Adão antes da Queda. 2. Seu nascimento por meio do Espírito foi exclusivo. Ele não pode ser comparado com o nosso novo nascimento do

Espírito, pois pecamos antes do nosso novo nascimento, enquanto Ele era santo antes de nascer. Nosso novo nascimento decorre do contexto do corruptível. Seu nascimento se inclui no contexto do santo. 3. A doutrina do pecado (hamartiologia) acha-se na retaguarda do debate sobre a natureza de Cristo (Cristologia). Quando compreendido como a interrupção de um relacionamento, o pecado torna impossível a Jesus uma natureza pecadora ao nascer. Pois não poderia haver maior demonstração de união com Deus, do que ir ao ponto que Cristo foi para fazer a vontade do Pai (Heb. 10:7-9). Ambas as escolas de Cristologia na Igreja Adventista do Sétimo Dia precisam usar palavras como *carne, pecado, mesmo, semelhante, único, Imaculada Conceição, pecado original, semente de Abraão, e semente de Davi*, como são usadas pelos escritores bíblicos ou como são expostas neste artigo. Caso se fizesse isso, estabelecer-se-ia a comunicação entre eles (eles estariam falando a respeito das mesmas coisas) e muitas das diferenças existentes entre eles se dissipariam.

4. *Englishman's Greek Concordance of the New Testament* (Londres: S. Bagster and Sons, 1903), págs. 680, 681.

5. Reinhold Niebuhr cria incorretamente que *sarx*, nos escritos de Paulo, fosse "princípio do pecado" (*The Nature and Destiny of Man* [Nova Iorque: Charles Scribner's Sons, 1949], pág. 152).

6. *Hamartia* e seus cognatos são encontrados 174 vezes no Novo Testamento, mais de cinquenta vezes nos escritos de Paulo. *Adikia* é uma palavra mais especializada e mais legal, que significa "não justo" (o contrário de "justiça", *dikaiousunê*). *Paraptôma* vem de *parapitô*, "cair além de". Ver ed., Colin Brown, *The New International Dictionary of New Testament Theology* (Grand Rapids: Zondervan, 1978), vol. 7, pág. 573. Para informação geral sobre *hamartia* e seus usos, ver Kittel's *Theological Dictionary of the New Testament* (Grand Rapids: Eerdmans, 1964), vol. 1, págs. 308-311; W. E. Vine, *Expository Dictionary of New Testament Words* (Londres: Oliphants, 1946), vol. 4, págs. 32-34.

7. G. W. Bromiley, trad. (Grand Rapids: Eerdmans, 1971), pág. 126. Para o artigo completo, ver págs. 124-144.

8. *Ibid.*, pág. 130.

9. *Ibid.*, pág. 134.

10. I S. João 4:1-3 não fala a respeito de que espécie de natureza humana (pecadora

ou sem pecado) teve Jesus, mas da natureza humana em si. Os gnósticos, e posteriormente os docéticos, criam que Ele não se tornou realmente humano, mas simplesmente apareceu como humano. Essa passagem classifica tal negação de Sua humanidade genuína como inimiga de Cristo.

11. Aqui, a similaridade não quer dizer outro ser que não humano (extraterreno). Antes, como humano, Ele foi apenas semelhante a todos os outros humanos.

12. "Ao tomar sobre Si a natureza do homem em sua condição caída, Cristo não participou de maneira alguma de seu pecado. Ele estava sujeito às enfermidades e fraquezas das quais o homem está cercado.... Ele foi atingido pela sensação de nossas enfermidades, e foi em todos os pontos tentado como nós somos. E contudo, 'não conheceu pecado'.... Não deveríamos ter nenhuma dúvida com relação à perfeita pureza da natureza humana de Cristo." — E. G. White, *Signes of the Times*, 9 de junho de 1898 (citado em *The SDA Bible Commentary*, vol. 7, pág. 912).

13. Ele preservou Sua divindade através de toda a Sua Encarnação. Foi quiescente dentro das limitações de Sua escolha pessoal da *kenosis* (Filip. 2:6-8).

14. "O ponto de vista do Antigo Testamento com relação ao pecado é o reverso negativo da idéia do concerto, e daí ser muitas vezes expresso em termos legais." — *The New International Dictionary of New Testament Theology*, vol. 3, pág. 578. "*Hamartia* é sempre usada no Novo Testamento relacionada com o pecado do homem, que é fundamentalmente dirigido contra Deus." — *Idem*, pág. 579. "No quarto Evangelho *hamartia* designa... um ato pecaminoso especial, um estado, ou mesmo uma força que impele o homem, e o mundo tomado como um todo, afastado de Deus." — S. Lyonnet and L. Sabarin, *Sin, Redemption, and Sacrifice: A Biblical and Patristic Study*, vol. 48 of *Analecta Biblica* (Roma: Biblical Institute Press), pág. 39.

15. E. F. Harrison, ed. *Baker's Dictionary of Theology*, Grand Rapids: Baker Book House, 1969, pág. 488.

16. R. C. H. Lenski, *Interpretation of Romans* (Columbus, Ohio: Wartburg Press, 1945), pág. 366.

17. John Murray, *The Epistle to the Romans*, in *The New International Commentary on the New Testament* (Grand Rapids: Eerdmans, 1971), vol. 1, pág. 183. Ler também as págs. 178-209 sobre "The Analogy".

19. Govett, *op. cit.*, pág. 142.

20. Lenski, *op. cit.*, pág. 364.

21. Várias palavras gregas terminam em *ma* em Romanos 5. A terminação *ma* significa "resultar". Duas dessas palavras são queda e graça, e comparam os resultados do pecado de Adão com a salvação de Cristo. Ambos os resultados passaram à raça humana provenientes desses dois Adões igualmente independentes de obras humanas, tema central da Epístola de Paulo.

22. Há 11 palavras no hebraico que sugerem diferentes nuances de pecado.

23. Para um estudo minucioso sobre o pecado, ver G. C. Berkouwer, *Sin* (Grand Rapids: Eerdmans, 1971), e Piet Schoonenberg, *S. J. Man and Sin: A Theological View* (South Bend, Ind.: University of Notre Dame Press, 1965). E na Católica "pecado original" ver R. C. Broderick, *The Catholic Encyclopedia* (Nashville: Thomas Nelson Pub. Co., 1976), pág. 440; *Baker's Dictionary of Theology*, págs. 486-489; George Vandervelde, *Original Sin: Two Major Trends in Contemporary Roman Catholic Reinterpretation* (Lanham, Md.: University Press of America, 1982); e John Murray, *The Imputation of Adam's Sin* (Grand Rapids: Eerdmans, 1959).

24. Tanto o panteísmo como o movimento da carne santa deixaram de dar lugar conveniente a Jesus como *monogenês*. O Panteísmo identificou em demasia a Deus com o homem, afastando a possibilidade da singularidade. O movimento da carne santa se apegou tanto à questão de tornar-se semelhante ao Jesus sem pecado, que novamente não foi dada à Sua singularidade lugar condizente.

25. Albert Schweitzer, *The Quest of the Historical Jesus* (Londres: Adão e Charles Black, 1954), págs. 254, 358 e 368.

26. Karl Barth, *Church Dogmatics*, 4 vol. (Edinburgh: T. & T. Clark, 1936-1969), vol. I, pt. 2, pág. 50; vol. II, pt. 1, pág. 63; *The Humanity of God* (Londres: Collins, 1961), págs. 44 em diante.

27. Friedrich Schleiermacher, *The Christian Faith* (Edinburgh: T. & T. Clark, 1928).

28. "O que Deus é em Sua revelação, Ele o é anteriormente e eternamente em Seu próprio Ser Trinitariano interior" é a pressuposição básica da "revelação" que precede a teologia de Barth. Nesse contexto seu *logos ensarkos*, que acompanha a Cristologia eniprostática, considera que a humanidade de Jesus tem existência apenas na divindade eterna de Cristo. Isto aca-

ba às vezes apresentando uma humanidade eterna de Jesus. (Ver *Church Dogmatics*, vol. 3, pt. 2, págs. 484 e 493.) Ele sugere também que Jesus não é um homem (*homo*), mas a humanidade (*humanum*). — *Idem*, vol. 4, pt. 2, págs. 48 em diante.

29. *Idem*, vol. 1, pt. 1, pág. 191; vol. 3, pt. 2, pág. 51; vol. 4, pt. 1, págs. 69, 88, 90, 93-95, 98, 100, 203.

30. *Idem*, vol. 1, pt. 2, págs. 158 em diante, 191; vol. 3, pt. 2, pág. 51.

31. Os Evangelhos revelam o contexto actual em que Jesus e Seus contemporâneos viveram. Abraão foi o pai dos fiéis filhos de Israel, que consideravam o Messias que havia de vir como o "filho de Davi" ou da linhagem davídica. O cântico de Maria comprova isto (S. Luc. 1:55), como também o de Zacarias. Ele disse que havia vindo salvação à casa de Davi (verso 69), pois Deus Se lembrara de Seu concerto com Abraão (verso 73). O cego clamou a Jesus como "filho de Davi" (S. Mat. 9:27; 12:22 e 23; 20:30; S. Mar. 10:46 e 47). Os ensinadores da lei O chamavam "filho de Davi" (S. Mar. 12:36). Durante Sua entrada triunfal em Jerusalém, a multidão clamava hosanas ao "filho de Davi" (S. Mat. 21:9). Cristo chamou a mulher paralítica de "filha de Abraão" (S. Luc. 14:16). Na parábola do homem rico e Lázaro, o mendigo foi levado ao seio de Abraão após a morte (cap. 16:22), e a vida eterna foi pintada por Cristo como a participação no banquete do reino com Abraão (S. Mat. 8:11). Enquanto os judeus consideravam Abraão como seu pai (S. João 8:33-39), Jesus foi além desse limite actual, declarando: "Antes que Abraão existisse Eu sou" (verso 58). Duas coisas devem ser mantidas em equilíbrio: Diz-se que Jesus procede de Abraão apenas porque Ele era o Messias prometido, que veio dar cumprimento a todas as promessas conveniais. E se diz que Jesus é antes de Abraão porque anteriormente e eternamente Ele é Deus.

32. E. J. Waggoner, em *Signs of the Times*, 21 de janeiro de 1889; cf. *Christ and His Righteousness* (Oakland, Calif.: Pacific Press Pub. Co., 1890), pág. 28.

33. F. F. Bruce, *Commentary on the Epistle to the Hebrews* (Londres: Marshall, Morgan and Scott, 1974), pág. 87.

34. Citado em *Commentary on the Epistle to the Hebrews*, pág. 88.

35. Dietrich Bonhoeffer parece pensar assim. Ver *Temptation* (Nova Iorque: Macmillan, 1955), pág. 16.

A Técnica dos Seminários de Revelações

ONÉSIMO MEJÍA

Coordenador da Obra Hispânica na Associação do Texas, Estados Unidos

Os Seminários de Revelações têm como objetivo difundir o evangelho por meio do ensino, em vez da pregação. O cenário é montado como uma sala de aula; a Bíblia é utilizada como livro de texto; os estudantes recebem um conjunto de lições e são dirigidos por um professor diante de uma classe, em contraste com a campanha evangelística convencional, que é dirigida por um evangelista apresentando o evangelho em pregações.

Quando falamos do Seminário de Revelações, referimo-nos a um grupo de evangelização. Este passou a ser a resposta à grande procura, por parte da Igreja Adventista, de um método para ganhar almas que possa ser usado tanto pelos evangelistas e pastores, como pelos obreiros voluntários, para difundir o evangelho. É um programa relativamente novo, e está tendo um êxito surpreendente. Onde quer que é posto em prática, os resultados são fantásticos. No Texas, durante os Mil Dias de Colheita, ele nos assegurou o primeiro lugar quanto aos batismos, na América do Norte.

Um Método Novo

Ellen G. White nos diz no livro *Evangelismo*: "Novos métodos precisam ser introduzi-

dos. O povo de Deus tem que despertar para as necessidades da época em que vive." — Página 69.

Os Seminários de Revelações têm como objetivo difundir o evangelho por meio do ensino, em vez da pregação. O cenário é montado como uma sala de aula; a Bíblia é utilizada como livro de texto; os estudantes recebem um conjunto de lições e são dirigidos por um professor diante de uma classe, em contraste com a campanha evangelística convencional, que é dirigida por um evangelista apresentando o evangelho em pregações. É nisto que reside a diferença entre o Seminário de Revelações e outros programas de evangelismo.

A Atmosfera. É completamente modificada. Em vez de preparar o ambiente para uma reunião com estilo de culto religioso, ele é preparado para uma aula; em vez de bancos, temos cadeiras em que as pessoas se sentam diante de mesas ou carteiras. É eliminado tudo que tenha estilo de culto religioso, como filmes, números especiais de canto, presentes de livros ou Bíblias, e a plataforma do pregador, ou qualquer outra coisa que tenha o aspecto de uma reunião religiosa. Na realidade, este sistema de evangelização faz com que as pessoas se convertam estudando a verdade apresentada no Apocalipse, embora não estejam dispostas a assistir a uma reunião religiosa.

Seu Alcance. O Seminário de Revelações não tem o propósito de eliminar ou modificar nenhum outro programa da igreja. Todos os programas da igreja prosseguem sem interrupção alguma, inclusive as campanhas evangelizadoras, e por estes meios têm sido ganhos os que não têm nenhum preconceito ou receio de assistir à igreja. O Seminário de Revelações tem o objetivo de alcançar essa "outra gente" que não se mostra sensível aos programas de evangelismo, aos convites para ir à igreja, às pregações pelo rádio e pela televisão, ou que têm algum preconceito contra a igreja, mas desejam conhecer a verdade. O convite para o Seminário de Revelações é dirigido a toda pessoa que queira estudar a verdade revelada na Bíblia, especialmente no Apocalipse. Ao receber o convite pelo correio, eles decidem assistir às aulas porque seu interesse é motivado pela forma em que é realizado o seminário. No convite são-lhes apresentadas as lições, a Bíblia e o resto do material, com vistas a uma classe, e não a um culto religioso. Por isso respondem pro-

fissionais, pastores de outras denominações e, em geral, pessoas que não podem ser alcançadas de outro modo. O seminário é, portanto, outro programa de evangelização que alcança essa "outra gente" que não sabíamos como alcançar no passado. O que há de maravilhoso no plano é que o programa atrai pessoas de todos os níveis culturais.

Outra Dimensão. O programa está preparado de antemão. Quando alguém decide realizar um Seminário de Revelações, para assegurar o êxito é mister que use todo o material que foi preparado de antemão para complementar um ao outro. Estamos pondo um programa completo nas mãos dos pastores e obreiros voluntários. É uma nova dimensão no evangelismo. Numa campanha evangelizadora, temos que pensar na espécie de volante que iremos usar para atrair o povo, no orçamento (para saber quanto podemos gastar), na duração da campanha, nas pessoas que participarão como cantores, pregadores, obreiros bíblicos, etc., na espécie de auditório e, por certo, no efeito que isso terá sobre o resto do programa da igreja. Para o Seminário de Revelações tudo isto foi preparado cuidadosamente, a fim de que as pessoas que irão dirigi-lo possam receber ou comprar todo o material para um programa completo.

Não se trata simplesmente de uma coleção de lições. Há muitos outros programas que prepararam um conjunto de lições para estudar a Bíblia. O êxito do Seminário de Revelações não consiste apenas nas lições, mas foi preparado levando em conta todas as coisas e combinando todo o material, para que, em conjunto, satisfaça a uma necessidade. Quando, ao dirigir o programa, se elimina, por exemplo, a Bíblia preparada para o seminário, todo o programa perde sua eficácia. Semelhantemente, quando o programa é desenvolvido por alguém sem o devido preparo, que prega em vez de dar aulas e apresentar-se como professor, também se está convidando ao fracasso. A experiência nos tem ensinado que todo aquele que se apresenta dentro dos conceitos próprios deste programa tem êxito, muito êxito.

O Que Constitui o Material do Seminário

Volante. O programa é anunciado ao público com um volante de quatro cores, no qual se explica o material que recebem os

estudantes e o método de estudo. Via de regra, ele é enviado pelo correio uns dez dias antes do começo das aulas. Para a distribuição do volante usamos dois métodos: o primeiro é distribuí-lo comercialmente, e neste sentido usamos os préstimos de Lee Distributing Service Inc., que podem enviá-lo a qualquer cidade dos Estados Unidos ao preço de 50 dólares por milheiro. O segundo método é confiar sua distribuição aos membros da igreja, o que também pode ser efetuado com bastante êxito. Ao receber o volante, as pessoas telefonam para inscrever-se no curso. Todo participante deve inscrever-se previamente.

Lições. O programa consiste de 24 lições baseadas no livro de Apocalipse e nas quais são estudados os pontos doutrinários de nossa Igreja. Estas lições foram preparadas para serem estudadas numa classe, e não para serem usadas como sermão. Elas têm a forma de perguntas e respostas. As respostas sempre se encontram na Bíblia.

A Bíblia Como Livro de Texto. Esta Bíblia está intimamente ligada com as lições, fazendo com que se tornem uma parte dela. É uma Bíblia de encadernação fina, preparada especialmente para o Seminário de Revelações. As lições foram preparadas de acordo com a paginação da Bíblia do Seminário. Muitas pessoas que assistem ao curso têm dificuldade para encontrar as passagens bíblicas, por não estarem familiarizadas com a Bíblia, e, para ajudá-las, é dado o número da página. Por este motivo é usada esta Bíblia própria para o seminário. Se usarmos outra Bíblia para as aulas estaremos diminuindo o êxito. Por isso, torna-se imperativo, para o bom andamento do curso, usar a Bíblia do seminário.

A Pasta. Quando começam as aulas, as pessoas que se inscreveram recebem todo o seu material para o seminário, estando assim em condições de estudar as lições tanto em seus lares como nas aulas. Se por algum motivo resolvêssemos não entregar-lhes o material, a fim de que o levassem para casa, estaríamos obrigando os alunos a estudar somente o que lhes fosse apresentado nas aulas. Por outro lado, entregando-lhes o material, nós lhes ensinamos a estudar em casa as lições com a Bíblia, pois foram preparadas com essa finalidade. As lições lhes são entregues uma a uma, e eles as colocam numa pasta que recebem como parte do material do seminário. À medida que vão avançando, eles compõem um livro que

todos desejam finalmente completar e saber que lhes pertence. Além da pasta para acomodar as lições, eles recebem a Bíblia, uma régua ou marcador para sublinhar os versos que mais lhes interessam, e cada noite lhes é entregue um envelope contendo cinco linhas para responderem à prova e no qual podem depositar um donativo. Quando terminarem as aulas lhes será dado um diploma. Muitas dessas pessoas que assistiram às aulas permanecem na Igreja Adventista.

Recomendação. Recomendamos veementemente que toda pessoa que deseja desenvolver o Seminário de Revelações em sua igreja ou em seu distrito faça arranjos para receber adestramento da parte de alguém que tenha prática. Sendo este um programa novo e também um método novo de evangelização, recomendamos que não se troquem os seus conceitos por outros métodos ambíguos ou mesmo práticos, ou que sejam próprios de algum outro programa, ou com a idéia de que têm experiência. Lamentavelmente, temos notado que nalguns lugares foi alterado o processo do seminário, às vezes só em parte, e os resultados não têm sido bons. Também temos notado que quando membros e pastores sinceros recebem adestramento e apresentam e mantêm o programa na forma em que foi preparado, o êxito tem sido fantástico e, até certo ponto, incrível.

Os princípios do método do Seminário de Revelações, da maneira como o realizamos na Associação do Texas, são os seguintes:

1. **Volante de Publicidade.** Em milhares de lares é distribuído um atraente volante anunciando o seminário. A média de pessoas que manifestam o desejo de assistir ao seminário é de cinco para cada mil volantes distribuídos. 45 dias antes do início do seminário são tomadas as providências relacionadas com o volante. Este espaço de tempo é necessário para pôr o mecanismo em movimento. Na realidade, os volantes são enviados pelo correio duas semanas antes do início das aulas.

2. **Reserva Pelo Telefone.** O volante contém informações sobre o seminário e a maneira de matricular-se. Também menciona um ou dois números de telefone que as pessoas podem discar para inscrever-se.

3. **Salão de Reuniões — Transferência Para a Igreja.** Cerca de 90% dos seminários são realizados num salão público, e depois de 8 ou 9 aulas o curso é transferido

para uma das salas ou quartos da igreja.

4. **Mesas e Cadeiras.** Para melhor resultado, o que se necessita são Bíblias e lições, e os participantes sentam-se ao redor das mesas, de maneira que possam usar o material com facilidade.

5. **Nem Música, Nem Filmes, Nem Brindes.** Não se usam "ganchos", tais como filmes e música, para atrair as pessoas, como costuma ser feito nas séries de conferências. O foco central das aulas é o estudo da Bíblia, e recomenda-se que cada sessão dure uma hora. As pessoas muito ocupadas apreciam este sistema. Os seminários mais eficazes têm sido aqueles que estruturaram o seu programa, tornando-o o mais direto e pessoal possível.

6. **Material Necessário Para as Aulas.** Uma Bíblia especial e 24 lições, são o material básico. Há outros materiais disponíveis, como um envelope para provas, diplomas, etc.

7. **A Hora de Estudo.** Durante a hora de estudo, a maioria dos estudantes vêm com suas lições já preparadas e estudadas. Recomenda-se que na última parte se façam perguntas e se estudem as respostas.

8. **Registro Exato de Assistência.** O envelope para provas ou testes provê um registro exato da freqüência, além de registrar as decisões e recolher uma oferta.

9. **Prova Diária.** Fazer uma prova ou teste diário é o processo de avaliação que ajuda a descobrir o interesse dos participantes.

É interessante notar que os pastores no Texas têm batizado cerca de 15% dos não-adventistas que assistem aos seminários. Quando a juventude do Texas pôs a mão nesse trabalho, muitos duvidaram dos resultados. Mas, no fim de 50 Seminários de Revelações, as estatísticas demonstraram que os jovens conduziram ao batismo cerca de 16% dos não-adventistas que assistiram às aulas.

Aqui no Texas estamos orgulhosos da juventude adventista por haver assumido a dianteira na conquista de almas.

Se você está interessado em saber mais alguma coisa sobre estes seminários, ou se deseja adquirir o material, ponha-se em contato com: Texas Conference of Seventh-Day Adventists

Spanish Department

P. O. Box 800

Alvarado, TX 76009-0800

Tel. (817) 783-2223

Os Animais Puros e os Impuros de Levíticos

Onze (Conclusão)

ANGEL MANUEL RODRIGUES

Doutor em Teologia

A conclusão é óbvia: não possuir defeito (*mum*) é ter uma aparência saudável, não se mostrar doentio (*za^cafim*). *Mum* é, portanto, a ausência de saúde física.

Há um sinônimo de *mum* ("defeito"), que devemos mencionar. Referimo-nos ao termo *mash^ehat* ("corrupção"). Em Lev. 22:25, essa palavra é usada para definir os defeitos mencionados nos versos 22—24 como uma corrupção no animal. A forma verbal do substantivo *mash^ehat* é *shahat*, e significa "corromper-se" (pela deterioração, Jer. 13:7), "perverter-se", "depravar-se" (Gên. 6:11). Com ele se designa uma corrupção que poderia desfigurar a imagem física de uma coisa (Jer. 48:18), ou a imagem ético-religiosa de um indivíduo (Êxo. 23:7; Oséias 9:9).

Mash^ehat é usado não somente em Lev. 22:25, para designar animais que não podem ser oferecidos em sacrifício, como também em Mal. 1:14. Nessa última passagem Yahweh acusa o povo de oferecer-Lhe em sacrifício animal vil (*mash^ehat*). Esses animais vis são aqueles que têm defeitos físicos e de saúde. Em Mal. 1:13, diz-se que esses animais eram "coxos" (*pissehah*) e estavam "enfermos" (*holeh*). O substantivo *holeh* e os outros derivados de raiz *halah*, referem-se, em termos gerais, a um estado de debilidade corporal, e significam "estar/tornar-se débil". Em alguns casos, usa-se para designar não somente enfermidades individuais, mas epidemias.³⁶ Ao se aplicar aos animais, *halah* refere-se a animais em estado de debilidade ou enfermidade, que não podem ser sacrificados a Yahweh.³⁷ À semelhança de *mum* ("defeito"), *mash^ehat* ("corrupção") designa os animais vis como aqueles que têm problemas de saúde. Yahweh não aceita animais enfermos sobre Seu altar, mesmo que esses animais pertençam ao grupo dos limpos.

Tudo o que foi dito antes revela, a nosso ver, a razão pela qual Yahweh separou os animais puros dos imundos. Os animais imundos foram separados e recusados por

Deus como possíveis sacrifícios sobre Seu altar, porque são, quanto ao aspecto da saúde e higiene, permanentemente defeituosos. Os animais que vão para o altar do Senhor e que vão ser, por assim dizer, o "pão de Deus" (*lehem 'elohim*, Lev. 21:6, 8; 22:25), devem estar em perfeito estado. Devem ser expressão da excelência higiênica. Deus aceita tão-somente o melhor. Quando o povo Lhe oferece o defeituoso, Deus o censura, dizendo: "Quando ofereceis o coxo ou o enfermo, não faz mal! Ora apresenta-o ao teu príncipe; terá ele agrado de ti? ou aceitará ele a tua pessoa?" (Mal. 1:8). Yahweh é o Deus e Senhor de Israel e Ele exige o melhor sobre Seu altar.

Até agora mostramos que a distinção entre os animais limpos e os imundos origina-se na identificação, da parte de Deus, dos animais que Ele está disposto a aceitar como sacrifício sobre Seu altar. Vimos também que provavelmente o critério usado ao estabelecer a distinção entre o imundo e limpo foi o estado físico do animal. Os animais nos quais a vida não se exibia em sua plenitude, foram considerados como impuros. Estabelecer uma ligação entre estas verificações e a lei dos alimentos puros e imundos de Lev. 11 não é difícil.

Em Lev. 11, Deus está dizendo ao povo que pode levar à mesa apenas a carne dos animais que se leva à mesa, ao altar do Senhor, isto é, a carne de animais limpos. É bom lembrar que houve tempo, na história de Israel, em que todo animal que se matava com o propósito de usar-lhe a carne como alimento, tinha que ser oferecido primeiro como sacrifício sobre o altar do Senhor (Lev. 17:3-6). Em seguida, o adorador levava a carne e a comia. Isto indica que aquilo que era bom o suficiente para ser oferecido em sacrifício ao Deus de Israel, era também suficientemente bom para transformar-se em alimento para o povo de Deus. O perfeito estado de saúde do animal assegurava o bem-estar físico do povo. Se comessem do animal imundo, o estado de im-

pureza deste — a ausência de saúde — era comunicado ao povo. Eles seriam fisicamente afetados (enfermidade); e espiritualmente; ao desobedecerem, interromperiam sua união com o Santo de Israel. No conceito do Antigo Testamento existe uma íntima relação entre o bem-estar físico e o espiritual. Aqui em Levítico encontramos essa relação claramente expressa na lei dos alimentos limpos e imundos.

O que estamos argumentando é que a lei sobre os animais limpos e imundos se transformou, em Lev. 11, numa lei de saúde. No próprio capítulo há vários elementos que indicam isto.

Em primeiro lugar, o capítulo 11 de Levítico tem como finalidade instruir os israelitas com respeito aos animais que devem comer (11:2). Este realce aponta para um interesse no bem-estar físico do povo. O ato de comer está intimamente relacionado na Bíblia com a preservação da vida (e.g. Êxo. 16:3 e 4). José proveu de alimento a sua família a partir do Egito, durante uma grande fome. Ele mesmo interpretou essa ação como tendo o propósito de preservar a vida deles (Gên. 45:4-11). Daniel, como já dissemos, preferiu usar um alimento que, aos olhos do oficial babilônico parecia ser de qualidade inferior, mas que era de superior qualidade, pois o fez parecer mais saudável do que os demais jovens. Deus sempre esteve interessado naquilo que o homem come. Ele especificou a Adão e Eva o que deviam comer (Gên. 1:29), e quando autorizou Seu povo a usar alimento animal, especificou também qual devia ser usado. Assim preserva o bem-estar físico de Seu povo.

Em segundo lugar, Lev. 11 mostra que o israelita podia contaminar-se tocando no cadáver de um animal. Não importava se o animal era limpo (11:39) ou imundo (11:8 e 24), seu cadáver era uma fonte de contaminação, de morte e de enfermidade. Por essa razão, proíbe-se tocar o cadáver de qualquer espécie de animal. Esta é uma medida purificadora que tinha como propósito evitar infecções ou epidemias.

Em terceiro lugar, Lev. 11 revela um interesse pela higiene e a saúde ao realçar a questão da limpeza. Aquele que se alimentava dos animais imundos era considerado imundo até o pôr-do-sol (11:24-28,31). Isso significa que era separado da comunidade e do santuário por um período de tempo limitado. Em alguns casos, exigia-se que o indivíduo lavasse também os seus vestidos

(11:25-40). Todas estas medidas são de caráter higiênico.

Em quarto lugar, devia-se purificar também aquilo sobre que caísse o cadáver de um animal. Entre outros casos, ordenava-se que, se o cadáver caísse sobre utensílios de madeira, roupa, pele, saco ou sobre um instrumento de trabalho, estes deviam ser lavados e, ao terceiro dia, estariam limpos (11:32). Por outro lado, se o cadáver caísse dentro de um utensílio de barro, este devia ser destruído (11:33). Se dentro desse utensílio houvesse água, e esta caísse sobre algum alimento ou alguma outra bebida, contaminava-os e não podiam ser comidos ou bebidos (11:34). Quando parte do cadáver caía sobre um forno ou estufa, estes deviam ser derribados (11:35). “Não há dúvida alguma de que os fatores higiênicos são a única coisa considerada aqui, pois uma variedade de graves enfermidades poderia espalhar-se, por meio de vasilhas ou alimentos infectados ou contaminados.”³⁸

A lei dos animais limpos e imundos é, pois, uma lei de saúde, que tem como objetivo preservar a saúde do povo através de medidas preventivas de higiene. Deus informa Seu povo sobre aquilo que, por ser o melhor, devem comer para proteger o seu organismo. Comer não é, portanto, uma atividade secular na vida do ser humano. Não foge à ordem divina. Há um aspecto ético-religioso nas leis de saúde de Lev. 11. Se Deus definiu o que se deve ou não comer, quando se come, obedece-se ou se desobedece às Suas ordens. Se obedecemos, preservamos a santificação. Mesmo o comer, pois, torna-se uma atividade religiosa.

A preocupação com a saúde, expressa na lei sobre os animais limpos e imundos pode também ser observada analisando o significado do imundo no Antigo Testamento. O impuro, no Antigo Testamento, é aquilo que está associado de alguma forma com a morte.³⁹ O imundo não tem acesso a Deus, que é a fonte de vida e bênção. A pessoa que entra em contato com o imundo, penetrou na esfera da morte; e deve ser separada da comunidade que presta culto e do santuário. Os animais imundos são aqueles que pertencem à esfera da morte e que comunicam morte. Mais uma vez, pode-se notar que as leis de saúde têm como propósito preservar o bem-estar físico e espiritual do povo.

Devemos mencionar, contudo, que os animais puros são relativamente puros. Quan-

do morrem, a impureza se apossa inteiramente deles (Lev. 11:39 e 40), e sua carne não pode ser comida nem tocada. Dessa forma, "os animais limpos são comparativamente confiáveis, como fonte de alimento, enquanto os imundos devem ser evitados devido à possibilidade de sua carne poder transmitir infecções."⁴⁰

Essa lei sobre alimentos não contaminados é, quanto se saiba, única no antigo Oriente Próximo. A submissão a essa lei, contribuiria significativamente para distinguir os hebreus das demais nações que os rodeavam. Dessa maneira, proclamariam sua singularidade e a do seu Deus (Lev. 20:25 e 26).

Conclusão

A lei dos alimentos limpos e imundos é uma lei de saúde. Originalmente a diferença entre animais limpos e imundos foi estabelecida por Deus para especificar os animais, dentre os quadrúpedes e das aves, que Ele aceitaria como sacrifício sobre Seu altar. Aparentemente, o critério que Ele usou para separar os animais foi o do estado de saúde destes. Os animais cujo corpo fosse sadio, poderiam ser oferecidos a Deus em sacrifício.

Quando Deus autoriza Seu povo a comer carne, ordena-lhe que O imitem. Eles deverão aceitar como alimento os animais que Yahweh aceita como sacrifício. A lei torna-se agora numa lei de saúde, que tem como finalidade preservar a saúde física e espiritual do povo. Essa lei indica que Yahweh Se interessa pela saúde física de Seu povo. O físico é algo que Deus deseja que seja preservado em bom estado. Essa lei de saúde fala do cuidado preventivo da saúde e do interesse divino por esse cuidado. O conceito *jofístico* do homem no pensamento bíblico exige que a saúde, para ser completa, una ao bem-estar espiritual o bem-estar físico e mental. É para esse tipo de saúde que as leis sobre alimentos limpos apontam e a tornam relevante para o homem moderno.⁴¹

Referências:

1. G. J. Wenham, *The Book of Leviticus* (Grand Rapids, MI: W. B. Eerdmans Publishing Co., 1979), pág. 164.
2. Ver F. S. Bondenheimer, "Fauna", *Interpreter's Dictionary of the Bible*, vol. II (IDB) (Nova Iorque: Abingdon Press, 1962), pág. 254.
3. Sobre o problema da fauna no Antigo Testamento, ver Bondenheimer, págs. 246 a 256.
4. Uma porção dessa carta está publicada em C.K. Barrett, *The NT Background: Selected Documents* (Nova Iorque: Harper and Row, 1956), págs. 213 a 216. Para análise sobre o conteúdo dessa carta, ver C. Zuntz, "Aristóteles", *IDB* 4:219 a 221.
5. Ver sobre isto Henry Rabinowicz, "Dietary Laws", *Enciclopédia*

Judaica, vol. 6 (Nova Iorque): MacMillan Co., 1971, col. 42 (EJ).

6. Para mais informação histórica sobre essa teoria, ver S. Stein, *The Dietary Laws in Rabbinic and Patristic Literature*.

7. Jacob Milgrom, "The Biblical Diet Laws as an Ethical System", *Interpretation* 17 (1963): 288 a 301.

8. Entre outros que favorecem a interpretação ética estão Joseph A. Seiss, *Gospel in Leviticus* (Grand Rapids, MI: Kregel Publications, 1860), págs. 195 a 198 e 201; Harold S. Stern, "The Ethics of the Clean and the Unclean, *Judaism* 6 (1957): 319-327.

9. A. A. Bonar, *A Commentary on Leviticus* (London: Banner of Truth, 1846), págs. 214 e 215.

10. Gordon J. Wenham, "The Theology of Unclean Food", *Evangelical Quarterly* 53 (1981): 9, crítica essa teoria, mostrando que o simbolismo que se descobre depende principalmente do poder imaginativo do comentarista.

11. Ver seu livro, *Purity and Danger: An Analysis of Concepts of Pollution and Taboo* (London: Routledge and Kegan Paul, 1966) págs. 41 e 57; e seu artigo "Deciphering a Meal", *Daedalus* 101 (1972): 61 a 81.

12. Entre os que têm aceito essa interpretação, encontram-se Wenham, "Theology", págs. 9 a 11 J. R. Porter, *Leviticus* (London: Cambridge University Press, 1976), págs. 83 e 84.

13. *Purity*, pág. 53.

14. Ver J. Henninger, "Pureté et Impureté: IV. L'impureté des aliments", *Supplément au dictionnaire de la Bible (DBS)* vol. 9, eds. H. Cazelles e A. Feuillet (Paris: Letouzey & Ané, 1975), Col. 481.

15. Sobre o uso metafórico do conceito da impureza, ver Jacob Neuner, *The Idea of Purity in Ancient Judaism* (Leiden: E. J. Brill, 1973), págs. 11 a 15.

16. Ver G. R. Driver, "Birds in the OT", *Palestine Exploration Quarterly* 87 (1955): 7. Para uma análise minuciosa dessa teoria, ver Wenham, "Theology", págs. 7 e 8.

17. Wenham "Theology", pág. 8.

18. *Matin Noth, Leviticus: E Commentary* (Philadelphia: Westminster Press, 1965), pág. 92; Roland J. Foley, "Levítico", *Comentário Bíblico Son Jerônimo*; vol. 1 (Madrid: Ediciones Cristiandad, 1971), pág. 226.

19. Walter Kornfeld, "Die unraisen Tiere im Alten Testament", *Karior* 7 (1965): 134 a 147.

20. *Ibid.*, pág. 146. Ver D. Hoffmann, *Das Buch Leviticus* (Berlin: Popelauer, 1905), págs. 315 a 322.

21. Ver Othmar Keel, *The Symbolism of the Biblical World* (New York: Seabury Press, 1978), págs. 85 a 86. Não devemos deixar de mencionar a serpente. No Egito é um símbolo tanto do deus salvador como das forças do mal (*ibid.*, pág. 87; O. Wintermuller, "Serpent", *IDB Supplementary Volume*, págs. 816 e 817).

22. Bernard J. Bamberger, *Leviticus: The Torah* (New York: Jewish Publication Society, 1979), pág. 91.

23. W. F. Albright, *Yahweh and the Gods of Canaan* (New York: Doubleday & Company, 1968), págs. 178 a 180; R. E. Clements, "Leviticus", *Broadman Bible Commentary*, vol. 2 (London: Marshall, Morgan and Escott, 1971), pág. 34; G. A. F. Knight, *Leviticus* (Philadelphia: Westminster Press, 1981), pág. 65; R. K. Harrison, *Leviticus: An Introduction and Commentary* (Downers Grove, ILL: Inter-Varsity Press, 1980), pág. 124; G. Canadale, *Animals of Bible Lands* (Exeter: Paternoster, 1970), pág. 14.

24. *Leviticus*, págs. 167 e 168.

25. Este argumento é usado também por F. J. Simmons, *Eat not this Flesh* (Madison: University of Wisconsin, 1961), págs. 37 a 42.

26. Esta pergunta foi também feita por Noordtjij, *Leviticus* (Grand Rapids, MI: Zondervan Publishing House, 1982), pág. 121.

27. Sobre essa problemática, ver Colin House, "Defilement by Association: Some Insights from the Usage of *Koinos/Koinoo* in Acts 10 and 11", *AUSS* 21 (1983): 143 a 153.

28. Henninger, "Pureté", col. 485; Bamberger, *Leviticus*, pág. 91; N. H. Snaith, *Leviticus and Numbers* (Greenwood, S. C: Attic Press, 1969), pág. 62; Noordtjij, *Leviticus*, págs. 120 a 122.

29. W. Eichrodt, *Theology of the OT* (Philadelphia: Westminster Press, 1961), 1:273.

30. G. J. Botterweck, "Beh⁹mah", *Theological Dictionary of the OT*, vol. 2 (Grand Rapids, MI: W. B. Eerdmans Publishing Co., 1975), págs. 7 a 10 (TDOT).

31. Ver Suessman Munter, "Medicine in Ancient Israel", in Fred Rosner, *Medicine in the Bible and the Talmud* (New York: KTAV Publishing House, 1977), pág. 7.

32. *Ibid.*

33. *Ibid.*

34. *Ibid.*, pág. 10.

35. Ver H. Ringgren, "Za^coph" *TDOT* 4:111.

36. K. Seybold, "Chalah", *TDOT* 4:405; F. Stolz, "Hlh, estar enfermo", *Diccionario Teológico Manual del AT*, eds. E. Jenni y C. Westermann (Madrid: Ediciones Cristiandad, 1978), 1:790.

37. Seybold, pág. 403.

38. Harrison, *Leviticus*, pág. 131.

39. A. M. Rodríguez, *Substitution in the Hebrews Cultus* (Berrien Springs, MI: Andrews University Press, 1979), pág. 149.

40. Harrison, *Leviticus*, pág. 124.

41. Sobre o conceito de saúde no AT, consulte-se R. K. Harrison, "Healing, Health", *IDB* 2:541 a 548; G. F. Hasel, "Health and Healing in the OT", *AUSS* 21 (1983): 191 a 202. Deve-se frisar quando Deus autorizou Seu povo a comer carne, não o limitou aos animais quadrúpedes e às aves. Permitiu-lhe comer peixe e mesmo insetos, estendendo assim o conceito do puro além daquilo que se podia levar ao Seu altar. Esses animais eram saudáveis e Deus autorizou Seu povo a usá-los como alimento. O critério continuava sendo o mesmo.

Evangelização em Novos Territórios



JUAN LOZANO

Evangelista da União Espanhola

INTRODUÇÃO

1. Necessidade de Métodos

a) Hoje, talvez como jamais no passado, são necessários métodos de evangelização bem elaborados, sob a suprema direção divina.

b) É provável que antes os delineamentos eram mais simples. Existia um método direto de evangelização, e as pessoas eram atraídas, comovidas e convertidas a Jesus Cristo.

c) As coisas se modificaram neste sentido. Hoje o indivíduo se fortaleceu consideravelmente diante da sociedade; as correntes de opinião são muito liberais em sua busca do prazer; e a fé tem sido debatida e rejeitada, sendo considerada um recurso anacrônico da debilidade humana.

d) Esta situação dificulta a obra evangélica, e exige cada vez mais do evangelista que aspire a convocar as multidões para oferecer-lhes sua mensagem de esperança. Por isso, tem hoje especial valor o conselho da pena inspirada: "Descobrir-se-ão meios para alcançar os corações." — *Evangelismo*, pág. 105.

2. O Melhor Método? O Que Triunfa!

a) Não que o fim justifique os meios, mas a garantia de um método advém de sua eficácia para levar as pessoas a Jesus.

b) Alguém estava criticando os métodos de evangelização de Moody. Este res-

pondeu: "Eu também não gosto muito deles. Que método emprega você?" "Nenhum", respondeu o crítico. Moody disse, portanto: "Bem, então prefiro minha forma de fazê-lo a sua forma de não fazê-lo."

c) É bela a lição do poeta Antônio Machado: "Caminhante, não há caminho; o caminho é feito andando." Isto é, aprende-se fazendo.

d) Ellen G. White afirma: "Há necessidade de homens que..., sob a orientação divina,... inventem novos planos e métodos modernos de despertar o interesse dos membros da igreja, alcançando os homens e as mulheres do mundo." — *Evangelismo*, pág. 105.

I. O Porquê de um Método

Todo método de evangelização deve justificar-se com base nas condições que se-guem:

A. Sua "Circunstancialidade"

1. De acordo com o lugar.

a) Embora a mensagem deva ser a mesma para "toda nação, e tribo, e língua e povo", não acontece a mesma coisa com a forma de apresentá-la. É o que poderíamos definir como a "circunstancialidade" da mensagem.

b) Ellen G. White escreve: "A maneira em que a verdade é apresentada, amiúde tem muito que ver com a determinação de ser aceita ou rejeitada." — *Evangelismo*, pág. 168.

c) O método de apresentar a mensagem deve ser determinado pelo lugar e, portanto, pela idiosincrasia do povo.

d) Tais coisas como o nível cultural, a

mentalidade (conservadora ou progressista), a economia, a climatologia, o tipo da cidade onde se deseja realizar a campanha, a ideologia religiosa predominante, etc. — tudo isso e muito mais deve ser levado em conta ao programar uma campanha.

2. De acordo com a personalidade do evangelista.

a) Sabemos que cada evangelista deve ser muito cuidadoso na escolha do método a ser seguido, e em sua capacidade de captação e aplicação dos métodos praticados por outros evangelistas.

b) A personalidade do evangelista deve determinar que tipo de evangelização deseja fazer. Quanto melhor for a simbiose evangelista/método, maiores serão as oportunidades de êxito.

c) Em síntese, poderíamos dizer o seguinte: O método não deve dominar o pregador (nem sua mensagem); e o pregador não deve passar por alto qualquer método que se lhe ofereça.

d) “Mantende os olhos fixos em Cristo. Não concentreis a atenção em algum ministro predileto, copiando-lhe o exemplo e imitando-lhe os gestos; tornando-vos, em suma, sua sombra. Não permitais que algum vos imprima seu molde.” — *Idem*, pág. 630.

3. De acordo com os objetivos.

a) O método para evangelizar deve tomar conta também dos objetivos que nos propomos alcançar.

b) O esforço e a inversão deverão ser diferentes de acordo com o tamanho da cidade, a duração da campanha e se esta será realizada num “território novo” ou numa cidade em que a obra já está estabelecida.

c) Quanto mais concreto for o objetivo que nos propomos alcançar, tanto maior será a motivação que assegura a realidade desse objetivo.

d) Temos comprovado que a evangelização em novos territórios incentiva fortemente, não só a equipe que realiza a campanha, mas todas as igrejas da União, que sempre têm correspondido generosamente quando lhes é solicitado apoio econômico ou humano (cedendo seus pastores).

B. Um Método Para Uma Missão

A evangelização em novos territórios foi ocasionada com base...

1. Na dinâmica evangelizadora das Escrituras Sagradas.

a) Quando o Mestre disse: “... até aos confins da Terra” (Atos 1:8), confiou-nos uma missão contendo elementos dinâmicos

e universais na pregação do evangelho.

b) Ensinamos que “será pregado este evangelho do reino por todo o mundo”, mas, com freqüência, permanecemos circunscritos às igrejas que já temos.

c) “Até aos confins da Terra” é um convite a pôr-se a conquistar novas cidades para Cristo, a repelir a acomodação ao ambiente e às circunstâncias.

d) São Paulo, o grande evangelista, tinha uma máxima que o impeliu a uma dinâmica espetacular: “Esforçando-me deste modo por pregar o evangelho, não onde Cristo já fora anunciado, para não edificar sobre fundamento alheio.” Rom. 15:20.

e) A pregação em novos territórios nunca deveria ser uma opção, mas uma necessidade fundamental para a Igreja missionária de Jesus Cristo.

2. A Voz do Espírito de Profecia.

a) São muitos os trechos em que a Sra. White escreve sobre a conveniência e a necessidade de alcançar os lugares em que ainda não penetramos com o evangelho.

b) “Como me parece ouvir a voz dia e noite: ‘Avançai; acrescentai novo território; penetrai em novos campos..., e dai ao mundo a derradeira mensagem de advertência.’ Não há tempo para perder.” — *Evangelismo*, pág. 61.

c) O mesmo Deus que disse: “Ide por todo o mundo”, disse agora: “Avançai.” E recomenda que não tenhamos fazer essa obra, porque “Os lugares em que a verdade nunca foi proclamada são os melhores para trabalhar” (*Idem*, pág. 21).

d) A irmã White admoesta seriamente os dirigentes da Obra a esse respeito: “Pergunto aos que têm a seu cargo nossa Obra: Por que são desprezadas tantas localidades? Vede as vilas e cidades ainda não trabalhadas... Os anjos do Céu esperam que as instrumentalidades humanas penetrem nos lugares a que ainda não foi levado o testemunho da verdade presente.” — *Idem*, págs. 59 e 60.

e) Quando li: “Os pastores estão rondando entre as igrejas que conhecem a verdade enquanto milhares perecem sem Cristo” (*Idem*, pág. 381), compreendi para onde teria que dirigir o meu ministério: para as 22 províncias espanholas que ainda não conheciam o evangelho.

II. Campanhas em Novos Territórios

A. Sua Preparação 1. Ações Prévias.

a) Há muitas coisas que preparar quando pretendemos realizar uma campanha em "novo território": procurar um salão para a nova igreja, um grande salão para o "Plano de Cinco Dias Para Deixar de Fumar", morada para os membros da equipe, publicidade (pesquisas, cartazes e impressos), providências nos meios de comunicação para contar com o seu apoio, etc.

b) É uma etapa de adaptação e conhecimento da cidade. Para evitar preconceitos religiosos, nalguns lugares evitamos anunciar nossa presença como adventistas.

c) Com isto procuramos seguir o conselho inspirado: "Devemos silenciosamente contratar o prédio, sem dizer tudo quanto pretendemos fazer. Temos que usar grande sabedoria no que dissermos, não aconteça que surjam barreiras em nosso caminho." — *Idem*, pág. 75.

d) Quão importante é a prudência para realizar a obra de evangelização, quando esta é efetuada num lugar em que não somos absolutamente conhecidos!

2. O "Plano de Cinco Dias Para Deixar de Fumar".

a) É realizado umas 10 semanas antes do início da campanha. Constitui uma das ações mais importantes para preparar e incentivar o público que assistirá às conferências.

b) Para sua realização escolhemos o maior salão público da cidade (sempre gratuito), a fim de alcançar o maior número possível de pessoas.

c) Temos notado que o programa contra o fumo é muito útil para vencer a desconfiança que as pessoas sentem em relação a tudo que é desconhecido.

d) Os lares se abrem aos membros da equipe, com grande satisfação da parte dos que se sentem beneficiados com o "Plano de Cinco Dias". De outro modo seria muito difícil o acesso a esses lares.

3. A Visitação.

a) A média da assistência ao curso contra o fumo, em nossas campanhas, é de 800 a 1.000 pessoas, o que significa o mesmo número de lares e famílias.

b) A visitação é, em minha opinião, a etapa mais importante da campanha, incluindo as conferências.

c) Temos comprovado que quando essa obra de visitação é bem realizada, interessando as pessoas nas partes seguintes de nosso programa, o resultado final está praticamente assegurado.

d) A referida visitação é realizada com revistas (de saúde e missionárias) e com diversos cursos que conduzem, progressivamente, para o curso de Bíblia.

e) Paralelamente, os sete membros da equipe realizam uma pesquisa pública (2.500 a 3.000 lares) que anuncia e prepara o segundo "Plano de Cinco Dias" e as conferências.

f) Com este trabalho que dura cerca de nove semanas, é produzido um fichário que passará a ser o coração da campanha.

B. A Campanha de Evangelização

1. Uma semana decisiva.

a) Trata-se da primeira semana da campanha propriamente dita. Se o primeiro "Plano de Cinco Dias Para Deixar de Fumar" foi realizado no fim do mês de outubro, o segundo ocorrerá na terceira semana de janeiro.

b) Se o primeiro "Plano de Cinco Dias" é realizado num salão público, o segundo será realizado no salão-igreja preparado para isso.

c) Se o primeiro "Plano de Cinco Dias Para Deixar de Fumar" foi isolado de qualquer outra atividade pública, o segundo será seguido por toda a programação que completa a campanha de evangelização (conferências, cursos de saúde e lar, investigação bíblica, etc.).

d) Paralelamente ao segundo "Plano de Cinco Dias", a equipe realiza a entrega pessoal de um convite para as conferências que ocorrerão em seguida. É o público que se "acrescentará" quando, ao terminar o plano contra o fumo, diminui a assistência.

2. Superando os preconceitos.

a) Só poderemos conseguir-lo com uma temática cuidadosamente escolhida, capaz de atrair pelo interesse geral de seu conteúdo.

b) Como a equipe deve orar para que o Senhor ajude a evitar qualquer erro que favoreça a ação opositora da parte de Satanás!

c) O povo deve ver em nós pessoas amigas, verdadeiramente interessadas em seus problemas pessoais e familiares. Depois escutarão as palavras do evangelho sem reticências.

d) Disse a Sra. White: "Ao trabalhades em um novo campo, não penseis ser o vosso dever declarar imediatamente ao povo: Somos adventistas do sétimo dia; cremos que o dia do descanso é o sábado; acreditamos que a alma não é imortal. Isso havia de levantar uma formidável barreira

entre vós e aqueles a quem desejeis alcançar." — *Evangelismo*, pág. 200.

3. Duração da campanha.

a) Quando não se conta com a base firme de uma igreja já estabelecida, deve-se ter especial cuidado para não precipitar-se na decisão daqueles que serão seus "membros fundadores" e as colunas da igreja nascente.

b) Isso não se consegue num curto período de tempo. Provavelmente dependa também do lugar. Em nossas campanhas empregamos nove meses, que se estendem desde a chegada da equipe até a organização da nova igreja.

c) Cada membro da equipe se desloca com sua família, e seus filhos, graças à duração da campanha, podem fazer no colégio um curso completo.

d) A campanha de evangelização é utilizada também como um curso teórico-prático, de aprendizagem para os três aspirantes ao ministério que participam da campanha e de reciclagem para os três veteranos que também fazem parte da equipe.

Conclusão

1. O método de evangelização utilizado deve estar condicionado por sua "circunstancialidade", de acordo com o lugar, a personalidade do evangelista e os objetivos que nos propomos alcançar.

2. A evangelização em novos territórios é estimulada pelas Escrituras Sagra-

das e pelo Espírito de Profecia.

3. Este tipo de evangelização requer especial preparação e cuidado. É a prática do conselho divino: "Sede prudentes como as serpentes e simplices como as pombas."

4. Trabalhar em novos territórios é mais que uma opção; é uma ordem divina a que devemos obedecer iniludivelmente.

Aplicação

1. Uma obra para o êxito.

a) O delineamento divino (Apoc. 14:6 e 7).

b) A garantia divina (Isa. 55:10 e 11).

2. O apreço do Céu.

a) "Que formosos são sobre os montes os pés do que anuncia as boas novas, que faz ouvir a paz." Isa. 52:7.

b) "Quando passares pelas águas Eu serei contigo." Isa. 43:2.

Apelo e Promessa

1. "Tu, ó Sião, que anuncias boas novas, sobe a um monte alto! Tu, que anuncias boas novas a Jerusalém, ergue a tua voz fortemente; levanta-a, não temas, e dize às cidades de Judá: Eis aí está o vosso Deus." Isa. 40:9.

2. A promessa permanece: "Eis que estou convosco todos os dias até à consumação do século." S. Mat. 28:20.